

Editorial

Após a migração definitiva para o OJS e um período de transição de secretaria e editoria, a **Rebeca** é publicada. Na busca pela sua consolidação como espaço de divulgação da pesquisa de ponta em cinema e audiovisual, a Revista Brasileira de Cinema e Audiovisual acompanha com atenção e apreensão os desdobramentos das políticas públicas para a educação e pesquisa no Brasil. A área de maior interesse do periódico, os estudos de cinema, se encontra na encruzilhada entre dois campos que estão sendo especialmente atacados: pesquisa/educação e arte/cultura. Nesse contexto, a **Rebeca** reafirma seu compromisso com a divulgação científica ampla, aberta, realizada segundo parâmetros internacionais. O conhecimento deve circular de maneira livre e periódicos como a **Rebeca** não apenas acolhem e publicizam os textos, mas se tornam, também, importante território de dissenso e debate. A preservação do embate democrático de ideias é, pois, um dos objetivos mais importantes a ser alcançado no atual contexto e do qual a Rebeca não se furta.

Neste número, a Rebeca traz um conjunto de textos que reflete a diversidade e a potência do pensamento sobre cinema e audiovisual no Brasil e no exterior. A Revista abre com o artigo “Estudo da *movie star* Olivia de Havilland: a sua imagem de estrela e o seu processo contra a *Warner Bros.*” do pesquisador e crítico português Miguel Moreira Rodrigues. Em seu texto, Rodrigues traz uma importante colaboração para os *star studies*, um campo ainda em construção que é erroneamente associado a biografismos e superficialidade. Os *star studies* são um encontro interdisciplinar entre reflexões sobre *marketing*, recepção, fenômeno da celebridade, espaços públicos e privados, relação com realizadores e relações de trabalho, entre outras. No ponto de encontro dessas questões é que Rodrigues discute a tensão entre a imagem pública da atriz hollywoodiana Olivia de Havilland e sua briga jurídica com os estúdios *Warner*, tensão que, segundo o autor, pode ter transbordado para as personagens encarnadas pela atriz a partir da segunda metade dos anos 40.

Em seguida publicamos o artigo “Brasil em transe: o estado de exceção permanente em Glauber Rocha e Giorgio Agamben”, de Vinícius Fernandes Silva e Marco Bettine. A relevância do texto transcende o espaço acadêmico e mostra-se ressonante às transformações na esfera política recente no Brasil. Os autores partem de *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha, para refletir sobre como o filme permite vislumbrar a permanência do estado de exceção desde a época do lançamento da obra até hoje.

Diego Grando e Lucas Furtado, por sua vez, apresentam o texto “A escrita imagética de Daniel Galera e a adaptação cinematográfica de *Até o dia em que o cão morreu*”, estudo da adaptação, um dos campos de força do pensamento

cinematográfico brasileiro. No artigo, os autores desvelam o processo de adaptação da obra de Daniel Galera pelo cineasta Beto Brant, em um gesto de crítica genética que permite compreender como a escrita literária é transposta para a linguagem audiovisual. Em uma perspectiva comparatista temos, também, o artigo de Roberto Carlos Cavalcanti da Conceição intitulado “*Matar ou morrer e Matar ou correr: uma análise de adaptações, cenários e figurinos no cinema de 1950*”. Apropriando-se das teorias de Linda Hutcheon e Vladimir Propp, o autor analisa cenário e figurinos dos filmes de Fred Zinnemann e Carlos Manga para chegar a um entendimento mais ampliado da cultura brasileira nesse processo parodístico.

O gênero *western* também se faz presente no artigo “Uma pausa para o cigarro: as interações com o cigarro no *spaghetti western* de Sergio Leone”. A interessante abordagem de Delson de Matos Gomes e Luiz Antonio Vadico explora o potencial imagético, sonoro e afetivo do cigarro em filmes de Sergio Leone, que reverbera na construção de personagens e na banda sonora. Ainda versando sobre o som, Fabiano Pereira de Souza descreve, em “A polifonia de efeitos sonoros no *sound design* de Alan Splet”, descreve a riqueza narrativa do trabalho do *sound designer* Alan Splet em sua colaboração com o cineasta David Lynch. Splet, para Souza, desenvolve uma qualidade polifônica em seu trabalho que resulta em impressionantes efeitos sensoriais.

O último artigo desse número é uma colaboração entre Phillip Cattley, Liana Ribeiro dos Santos e Paulo Vitor Jordão da Gama Silva: “Viabilidade econômico-financeira de filmes brasileiros”. Partindo de uma análise da economia do audiovisual, os autores desmistificam as narrativas catastróficas que colocam a área do audiovisual como campo de extremo risco, demonstrando que o cinema comercial, no Brasil, pode, sim, ser um bom negócio.

A entrevista (em francês) de Sônia Maria Oliveira da Silva com o pesquisador francês François Thomas complementa a diversidade de abordagens que enriquecem os estudos de cinema. Thomas comenta sobre seu método de crítica genética e sobre o uso dos arquivos, esclarecendo sua abordagem que ainda merece maior diálogo com o pensamento cinematográfico no Brasil.

A **Rebeca 14** finaliza com a resenha escrita por André Piazero Zacchi, “Encenações do extracampo”. Trata-se de importante texto, em português, que apresenta ao público não francófono, a obra *Le champ aveugle: Essais sur le réalisme au cinéma*, de Pascal Bonitzer. Os textos deste livro, em sua maioria retomados e retrabalhados a partir de artigos publicados na *Cahiers du cinéma*, questionam o cinema em suas relações com a “realidade”. Zacchi didaticamente discute os capítulos dos livros sem se furtar de uma apreciação crítica dessa relevante obra de Bonitzer.

Apesar das dificuldades técnicas e da apreensão em relação ao contexto histórico do presente do lançamento desse número, a equipe editorial apresenta

mais um número da **Rebeca**. No cotidiano da Revista, ainda enfrentamos o desafio que a especificidade de nosso campo gera em relação aos pareceres. Mas não podemos deixar de agradecer àquela/es que se dispõem a construir os estudo de cinema no Brasil através da generosa participação como pareceristas, investindo no diálogo entre pares, apostando na relevância na pesquisa em cinema e audiovisual no Brasil.

Desejamos a todas e a todos uma excelente leitura.

A Equipe Editorial